

## **O Protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da Ditadura Civil e Militar (1964-1974)**

**Daniel Augusto Schmidt<sup>1</sup>**

O protestantismo brasileiro viveu, nos anos da Ditadura Civil e Militar, um dos períodos mais difíceis e traumáticos de sua história. Influenciados pelo clima instaurado no país, grupos de natureza conservadora instalaram-se na liderança de suas principais denominações (que serão aqui representadas pelas igrejas Metodista e Presbiteriana do Brasil), iniciando um clima interno de “caça às bruxas”. Grupos de tendência progressista foram então acusados de “comunismo”, alijados de seus cargos eclesiásticos, expulsos de seminários teológicos e até mesmo delatados aos órgãos de repressão da ditadura. Seguindo uma proposta advinda de nosso trabalho anterior, esta pesquisa teve como propósito levantar os fundamentos que basearam as atitudes dos setores conservadores do protestantismo brasileiro naquele período.

Porém, agora procuramos demonstrar que as atitudes tomadas pelo conservadorismo protestante no período da Ditadura Civil e Militar estavam fundamentadas não apenas em tradições teológicas advindas, principalmente, dos Estados Unidos<sup>2</sup>, mas também numa herança formada por elementos culturais tipicamente brasileiros.

As variáveis da mentalidade do protestantismo conservador brasileiro são formadas por peças oriundas do ambiente protestante norte-americano do século XIX: o Pietismo e, mais tardiamente, o Fundamentalismo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, vinculado ao grupo de pesquisa Memória Religiosa e vida cotidiana: interpretações historiográficas e teológico-literárias. Bolsista Capes. Tese de doutorado defendida em agosto de 2015, orientador Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth. Endereço eletrônico [daniel34@uol.com.br](mailto:daniel34@uol.com.br).

<sup>2</sup> Em nosso trabalho anterior, procuramos demonstrar que as atitudes tomadas pelos setores conservadores do protestantismo brasileiro no período da ditadura estavam fundamentadas na defesa de uma tradição teológica herdada e vista como intocável, o Pietismo. Cf. SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2014.

Componente importante dos avivamentos religiosos norte - americanos, o discurso pietista acabou nivelando as diferenças teológicas existentes entre as denominações. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça em *O Celeste Porvir* (MENDONÇA, 1995, p. 82):

(...) o protestantismo que chegou ao Brasil foi um produto nuclearmente indiferenciado do protestantismo norte-americano na sua era missionária. Assim, embora até o fim do Império já estivessem estabelecidas no Brasil as grandes denominações protestantes, as distinções que havia entre elas eram de natureza secundária, niveladas que foram pela teologia originada dos movimentos religiosos norte-americanos.

Oriundo do ambiente luterano alemão dos séculos XVII e XVIII, o Pietismo trouxe para o protestantismo estadunidense – e posteriormente para o brasileiro, através dos missionários- a ênfase no fator sentimental da relação entre o fiel e Deus (“experiência pessoal com Cristo” segundo o jargão protestante). Outra característica é a visão dualista da realidade, que resulta numa ética cristã estrita, caracterizada pelo individualismo, pelo quietismo com relação à realidade socioeconômica, pela sacralização da ordem política e pelo anti-intelectualismo. Mas a este componente teológico importado seria acrescido outro que teve importância na formação do ideário protestante conservador brasileiro, principalmente no ambiente presbiteriano: o Fundamentalismo.

O Fundamentalismo surgiu da reação dos meios calvinistas norte-americanos à Teologia Liberal, no final do século XIX.<sup>3</sup> Posteriormente, novos “inimigos” foram incorporados durante o século XX, como as Teorias de Darwin e o Comunismo. Chegado tardiamente ao ideário do protestantismo conservador brasileiro, o Fundamentalismo só se instalou definitivamente no país na segunda metade do século XX. Ele trouxe consigo a pretensão de uma Verdade universal, o literalismo bíblico e o pré-

---

<sup>3</sup> Dá-se o nome de Teologia Liberal ao movimento surgido em meios teológicos europeus (principalmente alemães) entre o final do século XIX e a Primeira Guerra Mundial. Com suas raízes no Iluminismo do século XVIII, ele procurava analisar a Bíblia não como um texto divinamente revelado, mas sim, como uma obra literária comum. Questões como milagres, por exemplo, eram colocadas sob suspeita.

milenismo<sup>4</sup>, que enfatizava mais a perfeição pessoal do que os interesses sociais. Mas este quebra-cabeça não era formado apenas de peças importadas. Importantes componentes desta mentalidade vinham também de uma herança bem brasileira.

Porém, que herança é esta? Ela é uma tradição que afunda suas raízes no período de nossa formação nacional e é constituída pelo patriarcalismo rural-escravocrata e pela cultura católica romana.

Foi no momento de nossa formação nacional que surgiu, entre as paredes grossas das casas-grandes de fazenda ou dos sobrados, aquela que, segundo Gilberto Freyre seria a base de nossa sociedade: a família patriarcal. Uma família em que o patriarca tinha pleno poder sobre todos e sobre tudo: mulher, filhos, parentes, agregados e escravos (FREYRE, 2006a, p.38) Mas quais são as características deste patriarcalismo que está na base de nossa herança cultural? Ainda segundo Freyre, o Patriarcalismo rural e escravocrata era marcado por um profundo gosto pelo mando pelo sadismo e pelo clientelismo.

Fruto do contato com a realidade diária de 388 anos de escravidão no Brasil, o patriarca desenvolveu um prazer de mandar. Um gosto de dar ordens, de falar alto. Em contrapartida, isso levou também a um gosto político por governos de cunho autoritário (FREYRE, 2006a, p. 114).

Outra marca do regime patriarcal, esta também vinculada ao trato com os escravos, é um profundo sadismo. Sadismo este que se manifestava já nas brincadeiras do menino filho do senhor de engenho e que continuava pela vida adulta presente no gosto de mandar dar surra, de enviar para o tronco etc. Esta violência contagiava até mesmo aqueles que se contavam entre suas vítimas: sinhás-donas enciumadas que mandavam amputar seios e quebravam os dentes de mucamas bonitas a botinadas, pelo simples fato de que elas haviam atraído os olhares do senhor seu marido (FREYRE, 2006 a, pp.113-114). É importante lembrarmos também que este sadismo

---

<sup>4</sup> Corrente da escatologia bíblica que defende que a volta de Cristo e o arrebatamento da Igreja nos ares se darão antes do Milênio descrito no livro do Apocalipse. Baseia-se em passagens como Mateus capítulo 25, versículo 13: “Vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora.” O fim era iminente, portanto era preciso estar preparado para não ser pego de surpresa e passar pela Grande Tribulação.

fundamenta uma prática muito utilizada durante os tempos do governo ditatorial: a tortura.

Porém, o patriarca não era alguém que deveria ser apenas obedecido e temido: era importante também estar sob sua proteção, garantir suas boas graças mediante a troca de favores. Esta relação de dependência levou ao surgimento da prática social do clientelismo: valia a pena estar sob as asas de alguém poderoso. Era interessante gritar ‘Valha-me coronel fulano!’ diante das portas da casa-grande para impedir que a ordem de prisão do rei fosse cumprida. Por vezes, era também conveniente trocar o nome de família por um sobrenome mais ilustre para garantir que portas se abrissem (FREYRE, 2006 b, p.250). Porém, o patriarcalismo não estava sozinho entre os elementos nacionais que contribuíram para a formação da mentalidade protestante conservadora brasileira. Como por baixo da pele de todo protestante se encontra um católico, este outro componente da mentalidade conservadora protestante encontra suas raízes na herança cultural católica romana.

Mas quais são as características desta herança religiosa católica romana? Ela era marcada, segundo Eduardo Hornaert (HORNAERT,1974, pp.31-33) por uma pregação de cunho belicista (o catolicismo guerreiro) e por uma tendência a uma prática religiosa moldada pela sociedade patriarcal e chanceladora do *status quo* (o catolicismo patriarcal).

O catolicismo guerreiro encontra suas raízes no passado ibérico da Reconquista, quando os cristãos tomaram contato com o conceito maometano de Guerra Santa (*Jihad*). O “infiel” era alguém a ser eliminado. Para que este projeto se concretizasse, até os santos do céu foram convocados a participar da luta. E foi também com este espírito de cruzada que Portugal se lançou aos mares e aportou no Brasil. Aqui, o ‘infiel’ a ser vencido a qualquer preço não era o mouro e sim o índio gentio. Mas este catolicismo guerreiro também teve que enfrentar novos inimigos. Poucos anos antes da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1492, caiu o último bastião muçulmano na Península: Granada. A partir daí era preciso garantir a unidade dos reinos ibéricos, e isto se deu através da busca da uniformidade religiosa. O perigo estava em todo aquele que manifestasse

ideias contrárias à ortodoxia católica: os remanescentes muçulmanos, os judeus, os cristãos-novos e os protestantes. Ressurgiu então a velha Inquisição, que estendeu seus braços até mesmo sobre aqueles que vieram buscar um porto seguro para a sua prática religiosa nos rincões da América Portuguesa. Porém, a esta tendência guerreira se aliou outro elemento que seria importante na formação da mentalidade conservadora protestante brasileira dos anos 1960: o catolicismo patriarcal.

O regime patriarcal acabou gerando uma igreja ‘à sua imagem e semelhança’. Um dos modelos de catolicismo que imperou no Brasil foi aquele centrado na figura do capelão de engenho. “Gordo e mole” como escreveu Gilberto Freyre (FREYRE, 2006 a, p.272) ele vivia muitas vezes clientelisticamente na casa-grande, a expensas do patriarca. Ou por vezes, ele mesmo era um patriarca. Portanto, era necessário que sua mensagem se ajustasse à ordem vigente e não fosse profética. No caso do capelão de engenho, por exemplo, suas funções se resumiam aos aspectos “espirituais”: benzer a moenda, executar a desobriga, ensinar os meninos, batizar e casar. Vozes houve, sim, que ousaram desafiar a ordem, como a dos jesuítas, mas o preço pago foi muito alto. Todo este pequeno mundo permaneceu assim organizado, influenciando até mesmo o protestantismo recém-chegado. Porém, este esquema mental foi brevemente colocado em cheque por ideias novas a partir da segunda metade dos anos 1950. A reação era inevitável e seguiu os padrões determinados pela cultura.

Em meados do século XX, esta estrutura centenária foi brevemente questionada. No campo político, o mundo enfrentava a polarização ideológica da Guerra Fria e a Revolução Cubana trazia os reflexos deste conflito para bem próximo da área de influência direta dos Estados Unidos: a América Latina. No Brasil, as propostas de reforma do Governo João Goulart despertavam temores nos grupos conservadores: a seus olhos, o país seria o novo alvo das investidas de Moscou. A solução para ‘salvar a democracia’, segundo estes setores, foi o Golpe Civil e Militar de 1º de Abril de 1964. O que se seguiu foram 21 anos de regime de exceção.

Mas os questionamentos também se faziam sentir no mundo teológico. No ambiente católico romano, o Concílio Vaticano II defendia um

*aggiornamento*<sup>5</sup> da Igreja. Seus reflexos se fizeram sentir na América Latina com Medellín<sup>6</sup> e até mesmo no Brasil, com o surgimento do clero progressista. Este último, por sinal, entraria em choque com o governo ditatorial, algum tempo depois do Golpe de 1964. Mas estes novos tempos de breve questionamento também repercutiram no mundo protestante. As novas propostas do Protestantismo vinham tanto do ambiente teológico internacional quanto nacional. O Movimento Ecumênico internacional<sup>7</sup> lançava suas influências sobre a Confederação Evangélica do Brasil.<sup>8</sup> Através de seu novíssimo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, a Confederação realizava conferências que pregavam uma nova visão sobre o papel da fé reformada no país.<sup>9</sup> Como fruto do ambiente à sua volta, os setores progressistas do protestantismo nacional desejavam uma igreja mais encarnada na realidade social do Brasil: uma fé que tivesse algo a dizer para este país que, subitamente, se descobria subdesenvolvido e dependente. Mas o levante também se deu dentro das igrejas: ele se iniciou nos meios presbiterianos com a chegada do missionário estadunidense Richard Shaul. Com sua atuação na Confederação Evangélica do Brasil, seminários teológicos e movimentos de juventude presbiterianos, as ideias de Shaul começaram a se disseminar. Elas atingiram grupos de jovens e seminários de outras denominações, como a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. E as naturais reações conservadoras não se fizeram esperar. Num âmbito mais amplo, as visitas de Carl McIntire<sup>10</sup> permitiram a instalação definitiva do Fundamentalismo e sua pregação anticomunista no

---

<sup>5</sup> Termo em italiano que tem o sentido de 'colocar em dia'.

<sup>6</sup> Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (II CELAM) realizado em 1968, na cidade de Medellín, na Colômbia.

<sup>7</sup> O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi fundado em 1948, na Holanda.

<sup>8</sup> Órgão ecumênico criado nos anos 1930 com o intuito de promover a colaboração entre as igrejas nas áreas de diaconia, educação cristã e trabalhos com a juventude. A Confederação congregava as principais denominações protestantes brasileiras (Igreja Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Episcopal Anglicana, Metodista e Igreja Evangélica de Confissão Luterana). As duas últimas eram também membros do CMI.

<sup>9</sup> O Setor de Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil (criado sob a inspiração de seu congênere do CMI em 1955 e presidido pelo futuro bispo metodista dos tempos do Golpe Civil e Militar de 1964, Almir dos Santos), promoveu uma Consulta Nacional sobre Responsabilidade Social da Igreja e três conferências. Das conferências, a mais importante foi a última, realizada em 1962 no Recife e que por isso ficaria conhecida como a *Conferência do Nordeste*.

<sup>10</sup> Norte-americano e pastor da Igreja Presbiteriana Bíblica, McIntire era líder de uma organização fundamentalista contrária ao Conselho Mundial de Igrejas: o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs.

país. Mas estas reações também se mostraram no ambiente interno das denominações. As tensões entre conservadores e progressistas dentro da Igreja Presbiteriana se anteciparam a 1º de Abril de 1964: primeiros sinais de crise nos seminários, extinção da Confederação de Mocidade Presbiteriana, Richard Shaul afastado de suas funções.

Porém, o Golpe Civil e Militar é que foi, de fato, o detonador dos processos de crise vividos pelas duas denominações em estudo. O clima gerado pelos militares propiciou a chegada ao poder nas hierarquias eclesiásticas de lideranças autoritárias, carismáticas e portadoras de um discurso messiânico. Isso se deu, em alguns casos, através de meios um tanto suspeitos. Em outros, o processo foi legal. Por uma questão meramente cronológica, a Igreja Metodista se antecipou neste quesito. No Concílio Geral de 1965, lideranças de cunho conservador tiveram condições de chegar ao poder, ainda que não de forma plena e absolutamente legal. Este foi o caso do antigo líder do grupo conhecido como Esquema<sup>11</sup>, o reverendo Nathanael Innocencio do Nascimento, que se tornou bispo da I Região Eclesiástica.<sup>12</sup> Seu discurso era nacionalista, contrário ao 'liberalismo teológico' e ao 'comunismo'. O embate com os setores progressistas do metodismo logo começou.

O que se seguiu então foi um período extremamente tenso. Os primeiros sinais do que viria podem ser percebidos nos expurgos ocorridos no Colégio Benett. Procurando debelar o que seria uma 'célula comunista' na escola, Nascimento tomou o poder na instituição e expulsou a diretora. Porém, o auge do conflito se deu na crise da Faculdade de Teologia<sup>13</sup>, em 1968, no II Concílio Geral Extraordinário e nos eventos que a eles se seguiram: manipulação das instâncias superiores da administração da igreja, expurgos e franca aproximação ideológica do regime político imposto ao país. Neste último caso, chegou-se ao limite extremo da delação de

---

<sup>11</sup> Grupo clandestino surgido nos meios metodistas com o objetivo de tomar o poder na Igreja.

<sup>12</sup> Dá-se o nome de Regiões Eclesiásticas às divisões administrativas da Igreja Metodista. A I Região equivale ao Estado do Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Em resposta a uma greve dos alunos, o colégio de bispos expulsou os seminaristas do campus e fechou a faculdade por um ano.

membros das comunidades metodistas aos órgãos de segurança da ditadura, o que acabou resultando em tortura, morte e exílio.

Um processo semelhante se deu na Igreja Presbiteriana do Brasil. Na reunião do Supremo Concílio de 1966, na cidade de Fortaleza, a ascensão política do reverendo Boanerges Ribeiro na hierarquia eclesiástica chegou a seu ponto máximo. Depois de uma campanha marcada pelo discurso da Ordem, o bisneto de Saint Clair Justiniano Ribeiro (patriarca de uma tradicional família presbiteriana) foi eleito presidente do Supremo Concílio.<sup>14</sup> Seguiu-se então um processo bastante parecido com o que ocorria na Igreja Metodista: seminários teológicos fechados, expurgos e flertes com o governo ditatorial que também chegaram aos extremos da delação de pastores e membros das comunidades aos órgãos da repressão governamental.

Estas atitudes das lideranças do protestantismo conservador no período podem ser compreendidas quando analisadas sob a lente da já citada herança cultural brasileira. Ela teria se mesclado à tradição pietista-fundamentalista transplantada pelos missionários, naquilo que consideramos como um processo de antropofagização da mensagem protestante. No Brasil, a antropofagia tem origem na prática indígena de devorar ritualmente os inimigos para receber deles as virtudes. Porém, utilizamos este termo na acepção que lhe deu o movimento artístico modernista. Para o Modernismo, antropofagia tem o sentido de apropriar, deglutir, elementos culturais estrangeiros e mesclá-los com elementos nacionais, para com isso produzir algo único. Em nossa opinião, esse foi o processo sofrido pelo Protestantismo quando de seu contato com a cultura brasileira. Elemento estrangeiro e tardio no cenário nacional, o Protestantismo foi deglutido, antropofagizado, pela cultura que o acolheu. Via proselitismo, esta nova fé recebeu elementos típicos da cultura brasileira. Estes elementos afloraram no momento de crise enfrentado por este grupo religioso no período ditatorial. E que elementos eram estes? Era a velha herança patriarcal-escravocrata e católica.

---

<sup>14</sup> Cargo máximo na hierarquia presbiteriana.

Do velho patriarcalismo rural e escravocrata brasileiro, as lideranças protestantes herdaram o gosto pelo mando, agora cancelado por uma leitura literal da Bíblia e pela defesa da ortodoxia. Os primeiros sinais desta sobrevivência podem ser encontrados na primeira crise vivida pelo Seminário Presbiteriano do Norte, ainda nos anos 1950. Um campeão da ortodoxia, Israel Gueiros, entrou em conflito com a hierarquia presbiteriana e fundou sua própria denominação. Porém, seria no momento do período ditatorial que o velho gosto pelo mando herdado da cultura patriarcal brasileira aflorou de fato. Naquele período, ele teve que se confrontar com uma novidade que estava se tornando presente tanto na sociedade brasileira quanto nos seminários e bancos das igrejas: o jovem universitário de classe média. Aos olhos da velha geração criada numa mentalidade em que a 'idade provecta' era altamente valorizada, estes jovens não passavam de arrogantes, 'papagaios teologantes', críticos pessimistas da 'santa tradição' dos missionários, extremistas, abstratos, livrescos e inexperientes. Era preciso por 'ordem na fazenda' para evitar o 'caos', e isso foi feito da forma patriarcalmente tradicional. As lideranças falaram alto fechando seminários, cerceando grupos de jovens, acusando de 'comunismo' e expurgando membros inconvenientes.

Outro elemento patriarcal incorporado pelo protestantismo brasileiro foi o sadismo. No ambiente das denominações estudadas, ele transparece em atitudes como a delação. Como os antigos senhores de engenho que enviavam seus escravos rebeldes para o tronco, as lideranças do protestantismo conservador não hesitaram em confiar seus membros mais recalcitrantes nas ideias heréticas à punição exemplar do Estado, ainda que esta atitude resultasse em tortura e morte. Pode-se ver a sombra deste velho sadismo cultural até mesmo em casos extremos, como a presença de um 'capelão batista' que torturava e 'evangelizava' nos porões da ditadura. Tudo em nome da ortodoxia e da pureza da doutrina.<sup>15</sup>

Mas a herança patriarcal também se fez presente no nível das relações estabelecidas entre as lideranças conservadoras protestantes e o

---

<sup>15</sup> Cf. CARDOSO, Rodrigo. Os evangélicos e a ditadura militar. Disponível em [http://www.istoe.com.br/reportagens/141566\\_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR](http://www.istoe.com.br/reportagens/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR).

governo imposto ao país pelo Golpe. Neste caso, encontramos sinais do velho clientelismo. Membros deste grupo religioso minoritário procuraram logo mostrar fidelidade aos novos donos do poder. Isso garantiria posições de destaque num país ainda majoritariamente católico. As boas relações com o governo abririam também portas para o ‘testemunho do Evangelho’ em locais como a Escola Superior de Guerra ou os escritórios do Serviço Nacional de Informações (SNI). Porém, o Protestantismo deglutido pela cultura também recebeu influências da herança religiosa católica brasileira.

Os resquícios do velho catolicismo guerreiro também vieram à tona nos arraiais protestantes durante o período ditatorial. Nos tempos da ditadura, lideranças do protestantismo brasileiro agiram como os antigos cruzados e inquisidores na defesa da ortodoxia e da unidade da fé. O Outro deveria ser eliminado. Para isso valiam intervenções celestes, como versões protestantes dos antigos ‘santos guerreiros’: o Golpe Civil e Militar e as lideranças denominacionais de cunho autoritário e carismático que tinham vindo para salvar a ortodoxia do caos ‘modernista’ e ‘comunista’. Valia também a versão protestante da Inquisição, agora sem fogueiras. Porém, como sua equivalente do passado, em alguns casos ela veio acompanhada de tortura, exílio e morte, agora praticados pelos agentes do Estado.

Já a postura de defesa do *status quo* do catolicismo patriarcal, segundo nossa pesquisa, não foi assimilada. Ela foi, sim, apenas reforçada devido ao encontro do Protestantismo com uma mentalidade religiosa bastante similar à sua. O Protestantismo de Missão, oriundo majoritariamente do agrícola e escravocrata Sul dos Estados Unidos da América, encontrou então uma postura bastante similar ao conservadorismo religioso americano no contexto brasileiro. Seu descolamento pietista da realidade social e sua tendência a sacralizar a ordem estabelecida encontraram em nosso país uma herança religiosa igualmente pouco profética. A fé reformada manteve, então, no Brasil, uma tradicional mensagem de defesa da ordem. Quando esta postura foi questionada, a resposta se deu de forma ‘bem brasileira’.

Porém, o tema da relação entre o protestantismo brasileiro e o regime de exceção instaurado em 1º de Abril de 1964 ainda é um campo aberto. No correr da pesquisa, novas perguntas surgiram. O campo do Protestantismo Histórico de Missão no período já se encontra parcialmente palmilhado. Mas questões surgem, por exemplo, com relação a outro ramo desse grupo religioso que se abasileirou de forma muito mais profunda: o Pentecostalismo. Esta foi uma questão que nos apareceu no momento do convite para fazer parte do grupo dedicado a analisar o papel das igrejas na ditadura para a Comissão Nacional da Verdade. Ela partiu da percepção da falta de um representante pentecostal na equipe. Isso leva a perguntas que a pesquisa pode procurar responder. Qual foi o papel destas igrejas durante o período ditatorial? Será que a velha resposta da “alienação pentecostal” ainda é cabível neste contexto? Como explicar a presença de pentecostais em grupos como as Ligas Camponesas, por exemplo? Como definir lideranças como a de um Manoel de Mello e Silva que, apesar de ser líder da Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, era ecumênico? E que, segundo a narrativa de sua igreja, teria sido preso 27 vezes por curandeirismo e protesto contra o regime ditatorial?<sup>16</sup> O campo ainda é muito vasto.

## Referências

CARDOSO, Rodrigo. Os evangélicos e a ditadura militar. Disponível em [http://www.istoe.com.br/reportagens/141566\\_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR](http://www.istoe.com.br/reportagens/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR).

www.convensul.com.br. Visitado em 27 de junho de 2015.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006 a. -(Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil; 1).

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mocambos decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2006 b. -(Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil; 2).

HORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2014.

<sup>16</sup> Cf. www.convensul.com.br. Visitado em 27 de junho de 2015.